

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 9

Setembro de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Imobiliária «DL» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

SETEMBRO DE 1978

Nº. 9

— S U M Á R I O —

	Página
DR. BLUMENAU CONFIDENTE DE UM SEU PATRÍCIO	242
FIGURAS DO PASSADO	245
A FILATELIA EM BLUMENAU	253
SUBSÍDICOS HISTÓRICOS	255
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	257
SUBSÍDICOS A CRÔNICA DE BLUMENAU	261
ESTANTE CATARINENSE	264
UM SONHO DE MIL E UMA NOITES — (III)	265
85 ANOS — OITO COMANDANTES	267

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Figuras de destaque da sociedade blumenauense de 1900, participam de uma peça teatral. São eles, da esquerda para a direita: Augusto Sutter, o músico Werner, Professor Haertel, Júlio Probst, Bruno Hering e Paulo Hering. (foto gentilmente cedida pelo sr. Adolfo Sutter, filho de Augusto Sutter).

Dr. Blumenau confidente de um seu patrício vivendo tristes momentos na então jovem República Argentina

UMA CARTA QUE RELATA FATOS IMPRESSIONANTES E QUE FAZIA PARTE DOS ARQUIVOS HISTÓRICOS QUE O FUNDADOR LEVOU CONSIGO PARA A ALEMANHA, RETORNA AGORA COM A DOCUMENTAÇÃO CHEGADA DA BAIXA SAXONIA

(Tradução de Alfredo Wilhelm)

“Santa Fé, 25 de março de 1876. — Muito estimado senhor Doutor.

É com o máximo prazer que venho hoje cumprir um desejo seu — aliás para mim muito honroso —, em dar noticias de minhas longas andanças pelos países lá fora. Queira pois receber estas minhas poucas linhas com a sua costumeira amabilidade.

Embora originalmente tosse a minha vontade dar-lhe um relato minucioso de minhas aventuras e observancias — em especial das colonias por mim percorridas — cheguei a desistir do intento após ter preenchido cinco paginas, não podendo exigir do sennor em ler estes longos relatos, considerando a circumstancia de eu nao ter nascido para ser escritor. Não espere, pois, noticias borbulhantes, cheias de alegria de viver, mas sim um esboço resumido dos acontecimentos do meu ultimo e triste passado. Que este era turvo, mais turvo ainda que eu puue esperar, tem a sua origem na situação inreliz em que se acha toda esta Republica (Argentina), situação esta, talvez despercebida pelo sennor e outros atentos observadores. A crise, leviamente provocada, paira pesadamente sobre este pais. Mas, vamos ao assunto:

Como o senhor deve estar lembrado, deixei o Rio de Janeiro no dia 26 de outubro de 1875, às seis horas da manha. Achava-me neste momento naturalmente no convés, lançando um ultimo olhar à capital do pais que durante os ultimos quatro anos tinha sido a minha patria. Tudo que aqui experimentei, sofri e suportei, passou por mais de uma vez em viva e clara lembrança perante a minha consciência e com o sofrimento da saudade, quis esquecer. Eu queria — será que eu o conseguirei?

Aproveitei a permanência do navio “Galileu” em Montevidéu, para — seguindo um conselho seu — fazer um passeio pela cidade. Passadas duas horas, voltei logo a bordo — mal humorado e aborrecido. É que nesta época, o pais estava em revolução.

Com bastante lucidez eu já podia prever o que eu poderia esperar da Argentina. Mas, tinha que me conformar, pois regressar não era mais possível. Após o desembarque em Buenos Aires, no outro dia,

esforcei-me dia a dia para achar alguma ocupação que combinasse mais ou menos com os meus conhecimentos. Mas, onde milhares estão festejando (desempregados) — naturalmente tudo seria em vão. Por que é que aqui eu deveria ter sorte, se esta sorte, até hoje, sempre me abandonou?

A minha situação começou a ficar desesperadora e, não tendo melhorado nada, segui um conselho dum secretário de imigração e trabalho, dirigindo-me em viagem até esta cidade de Santa Fé. Após uma viagem de 48 horas, seguindo o curso do Rio Paraná, passando por campos secos e desolados — com paradas tédias, não excluindo nem Rosário — o meu ânimo não conseguiu melhorar. Lancando toda a culpa em mim mesmo por ter abandonado a idéia original de voltar para a Alemanha, desembarquei em Santa Fé. Uma cidade miserável e miseráveis também seus habitantes, bem como toda a população da Argentina. Cidade esta que tinha nada a me oferecer — nada, no verdadeiro sentido da palavra. Sendo assim, resolvi continuar a minha caminhada em direção às numerosas colônias da vizinhança — Frank, Las Tunas, San Gerônimo e Esperança. Sempre com a segunda intenção de, talvez durante o tempo da colheita, achar algum trabalho — mesmo sendo como criado — conseguindo assim os meios para abandonar, o mais breve possível, esta — assim chamada — “República”. Porém, este ano, mais uma vez, os gafanhotos comeram todos os frutos da roca, deixando os próprios colonos em estado de penúria e de calamidade. E agora? — Vendi o meu relógio e a minha arma e após, abandonando a minha mala em Santa Fé, sem arma e sem dinheiro, caminhei a pé — seguindo os postes de telégrafo — pelo campo sem estradas ou caminhos, passando por Rosário em direção a Buenos Aires. Nesta viagem consegui conhecer bem a este país e seu povo, seus hábitos e seus costumes, mas estes conhecimentos me saíram caros, bem caros. Em todos os povoados que passei, perguntei por algum trabalho, mas em vão — chegando assim de volta à capital. Começou de novo a caca de trabalho para obter o meu sustento, mas, como era de prever, sem êxito. Somente num vapor belga consegui finalmente três dias de trabalho, o que arruinou os meus pulsos, ainda inchados, não me permitindo mais trabalhos pesados. O Dr. Rautenberg não poderá se orgulhar muito do tratamento que me dispensou ao endireitar as minhas mãos torcidas pela queda dum cavalo no ano passado. Desde então, sempre senti dores.

A “Noite de Natal”, passei numa montanha de feno fora de Buenos Aires, como aliás tem acontecido durante mais de quatro semanas, em que tive que dormir sempre ao ar livre.

A minha única alimentação se compunha de pêssegos que colhia nos pomares vizinhos. Até tentei me alistar para lutar contra os índios. A tentativa dum arrojado plano para chegar a Montevideu num pequeno barco aberto, também fracassou. Não obstante os meus esforços desesperados, tive que voltar, feliz por ter escapado com vida.

Continuar esta vida por mais tempo seria estudar o banditismo. Relembrando um ditado antigo: "Homem — não tente os Deuses!" — Resolvi voltar a Santa Fé, para ali vender os meus pertences (se possível), utilizando o rendimento para pagar a viagem de volta ao Rio Grande. A idéia foi fácil, mas, como voltar? — pois a segunda vez a minha viagem não seria de graça. Mas, em tempos de calamidade, as leis estão suspensas. Viajei como passageiro clandestino até Rosário, continuando a pé até Santa Fé. Achando-me ainda nesta cidade, aceitei um trabalho na casa Jorge F. Kreutzmann, para garantir o meu sustento, até se achar uma oportunidade melhor. O meu atual estado de completa pobreza me obriga a uma integral dependência daqui. Poderão passar anos até que eu consiga em Santa Fé algo que se pareça com uma economia.

Em que estado de ânimo eu me encontro, o senhor Doutor facilmente poderá imaginar. A cidade é deserta e tudo nela é monótono. Não existe nada que traga alguma distração. Como não há habitantes de descendência alemã, também não existem livros em língua alemã. A minha única leitura é o Jornal Alemão de Buenos Aires, mas esta é bastante magra. Se ao menos de tempo em tempo chegasse a mim uma carta — mas de onde? Somente há 14 dias atrás, eu comuniquei a meus pais a minha mudança para a Argentina. Por duas vezes escrevi uma carta ao senhor W. Gaertner, sem receber uma resposta. O meu pedido de remeter-me as cartas a mim dirigidas e que por acaso lá tivessem chegado, parece ter sido feito em vão. Será que a infâmia conseguiu tamanha vitória?

Estimado senhor Doutor, será que alguém também já tentou minar o bom conceito que o senhor, com muita razão, fez de mim? Considere o senhor — somente a sra. G. Bl. e eu sabemos das circunstâncias verdadeiras.

E por favor — não me condene unicamente à base de boatos espalhados contra mim. Deve ser do seu conhecimento que eu não tenho amigos, motivado por esta circunstância que é a maneira de viver retirado, não tendo contato com quase ninguém. Somente uma vez - seja mais cedo ou mais tarde - gostaria de aparecer em público sob os olhos da senhora "G"... e estou certo que o meu aparecimento repetino a deixaria pasmada e lhe roubaria a calma.

Será que seria de minha parte um atrevimento se eu lhe pedisse que me escrevesse algumas linhas de vez em quando? Teria o máximo prazer em receber notícias de sua família, bem como da família W. Gaertner e sua querida filhinha Else.

Com os meus melhores cumprimentos para a senhora sua esposa e no desejo da continuidade de sua benevolência para com a minha pessoa, subscrevo-me como amigo com os meus melhores votos de felicidade. — Assinado: Heinrich Bieber. — P. S.: Saudações para o sr. Friedenreich, Sr. Merk e o sr. Pastor"...

Figuras do Passado

Por Frederico Kilian.

EUGEN FOUQUET, O JORNALISTA BATALHADOR E POLÍTICO

Talvês o mais hábil e competente jornalista de quantos morejaram na imprensa teuto-brasileira no Brasil, combatente tenaz pelos direitos dos imigrantes alemães e seus descendentes, foi, sem dúvida, EUGEN FOUQUET, que por cerca de 30 anos foi redator-chefe do jornal "DER URWALDSBOTE", cuja parte redatorial assumiu a 1.º de Novembro de 1898. Retirou-se da vida jornalística e política, no ano de 1927, quando uma grave enfermidade o atacou impossibilitando-o, aos 61 anos de idade, de continuar na luta pelos seus ideais.

Eugen Fouquet descendia de uma família huguenote, que em 1685 emigrou da Picardia, na França, para o Grão-Ducado de Brandenburgo, Alemanha.

Seu avô paterno foi um invulgar e competente médico, deixando à sua família considerável fortuna, o que possibilitou a seu pai, Karl August Fouquet, a adquirir o morgado de Adlig^sZerrin, nas imediações de Bütow, na província prussiana de Pomerânia, onde Eugen Fouquet nasceu no dia 3 de Maio de 1866 e passou os anos de sua meninice.

Após seus estudos primários no referido morgado, ingressa no "Ginásio Rei-Guilherme" (Koenig-Wilhelm-Gymnasium) da cidade de Stettin, capital da província, onde obteve o certificado de madureza e habilitação aos estudos universitários, com excelentes notas, exceto em matemática, que nunca foi o seu forte.

Decide e para o estudo do direito, matriculando-se na universidade de Tübingen. Durante os seus estudos de direito nesta universidade e posteriormente na de Berlim, cursou também aulas de filosofia, história e literatura, principalmente da literatura alemã e inglesa, matéria esta a que se dedicou durante toda a sua vida o que explica seus extraordinários conhecimentos neste setor.

Em história teve um excelente professor, o conhecido historiador Heinrich von Treitschke, e cuja orientação política, porém, era contrária às idéias de Eugen Fouquet e de muitos de seus companheiros, estudantes da sua época. De espírito independente e combativo, aderiu, como moço, à doutrina socialista em oposição ao regime imperialista reinante em sua pátria, o que impediu que, terminados os seus estudos e formado em direito, entrasse no serviço público prussiano, pelo que resolveu emigrar para o Brasil, onde, em Blumenau, residia um ex-colega de estudo, tencionando, após curta permanência aqui, prosseguir viagem para a Africa Oriental.

Assim, certo dia do ano de 1893, apareceu na localidade de Salto Weissbach e bate na porta de seu amigo Richard Hinsch, onde teve hospitaleiro acolhimento.

A época de sua chegada encontrou aqui um ambiente revolucionário e turbulento, com fortes campanhas políticas locais o que muito o impressionou.

Desistiu então de continuar sua andança e iniciou sua atividade em Blumenau inicialmente no ramo comercial, atuando também como caixeiro-viajante ("Musterreiter", como eram denominados popularmente os caixeiros-viajantes, designação esta usada pelos gauchos que ao lombo do cavalo, puxando a mula que carregava as bruacas com as amostras, viajavam de localidade em localidade, no interior, oferecendo as suas mercadorias e aceitando as encomendas).

Numa dessas viagens veio a conhecer em Brusque o senhor Arthur Koehler, que mais tarde tornou-se seu amigo e é o editor e proprietário do jornal "Der Urwaldsbote". Este jornal surgiu, com o seu primeiro número, em 16 de julho de 1893, fundado pelo pastor Hermann Faulhaber, que havia adquirido o prelo e material tipográfico do segundo "Imigrant", jornal político dirigido por Paul Stelzer e que teve apenas alguns meses de existência.

O objetivo do "Der Urwaldsbote", fundado e redigido pelo Pastor Hermann Faulhaber, era servir aos interesses confessionais dos membros da Comunidade Evangélica de Blumenau e, em geral, dos protestantes da colônia, mantendo-se afastado das contendas políticas locais. Cedo, porém, devido a certas tendências favoráveis aos federalistas, viu-se atacado pelo grupo do "Blumenauer Zeitung" e, pelo seu revide, envolvido na política.

Não desejando o Pastor Faulhaber, ser instrumento involuntário da discórdia entre os membros de sua comunidade, que se dividia em dois grupos políticos antagônicos, resolveu vender o seu jornal, à época da campanha eleitoral do ano de 1898, ao grupo Feddersen-Stutzer-Schrader, que o puzeram em franca oposição ao "Blumenauer Zeitung", que obedecia à orientação política de Bonifácio Cunha e seus correligionários.

Foi nessa época que os novos proprietários do "Der Urwaldsbote" entregaram a parte redatorial a Eugen Fouquet, que assumiu este cargo no dia 1º de Novembro de 1898, entrando com o entusiasmo de seus 32 anos na luta partidária e política de Blumenau.

Após o primeiro fracasso político do grupo Feddersen-Stutzer-Schrader nas eleições de 1898 para o governo municipal, e isto devido ao pouco tempo disponível para uma campanha eleitoral mais intensa, o referido grupo resolveu vender o jornal, que foi então adquirido por G. Arthur Koehler, continuando, porém, a parte redatorial sob a orienta-

ção e responsabilidade de Eugen Fouquet, consolidando-se no trabalho mútuo destes dois jornalistas a amizade que os conservou unidos até a morte deste último.

Eugen Fouquet, que era um profundo conhecedor da língua Alemã, escrevia seus artigos em impecável estilo, tornando a sua leitura fluente e agradável, os quais, mesmo demonstrando o alto nível de sua cultura, eram compreensíveis a todos os leitores de seu jornal. — Reto, como o seu caráter, eram os seus conceitos sobre os assuntos abordados, não deixando sequer margens para dúbias interpretações do que havia escrito. Nas lutas políticas e nas polêmicas mantidas com os seus adversários pelas colunas do jornal, usava porém muitas vezes uma linguagem mordaz ou sutil, deixando os seus antagonistas com certo embaraço, dados os seus conhecimentos jurídicos e gerais nos mais adversos assuntos.

Fouquet era — “um combatente tenaz, armado de uma panóplia respeitável” — no dizer de José Boiteux — “não fosse o seu jornal escrito em alemão e eu vos afirmo, sem receio de séria contestação, que o nome do intrépido jornalista blumenaunse seria citado pela imprensa do País como um companheiro de pulso firme”.

Para formar uma organização política em bases mais amplas e para dar apoio ao grupo aliado ao “Der Urwaldsbote”, pugnando por uma administração incorrupta que velasse mais pelos interesses dos colonos, e, ainda, com o objetivo de incentivar estes a tomar maior parte ativa na vida política do município, Eugen Fouquet convoca uma reunião popular para o dia 16 de julho de 1898, em Passo Manso, fundando ali, com outros companheiros seus, nessa reunião, a “Associação Popular” (“Volkverein”), entidade política destinada a congregar a população colonial e uni-la sob orientação sadia, em defesa de seus direitos civis políticos e econômicos, incentivando-a a tomar parte ativa na política, comparecendo às eleições, a fim de levar seus legítimos representantes à Câmara Municipal e, através desta, tomar parte na administração pública, e assim quebrar com o sistema reinante da tutela exercida por reduzido número de políticos.

Em seu jornal propagava a idéia da constituição de sociedades congêneres em todos os municípios do Estado.

Constituiu-se na referida data a “Associação Popular” cujos sócios, alistando-se no rol dos eleitores, compareceram em massa às eleições para deputados estaduais a 2 de Dezembro de 1900, obtendo considerável vantagem no resultado da mesma. Este fato, devidamente explorado politicamente por seu jornal, que ressaltou a força da união dos blumenaunses, também nas urnas, motivou para que este exemplo fosse imitado nos municípios de São Bento, Joinville, Brusque, Palhoça, São Pedro de Alcântara, Araranguá, Laguna, Tubarão e Imaruí, onde também se fundavam “Associações Populares” conclamando a

população rural a uma maior participação na vida política e administrativa do município.

Eugen Fouquet, que por ato de 20 de Maio de 1901, assinado pelo então Ministro Epitácio Pessoa, recebeu sua carta de cidadania brasileira, integrando-se assim na vida brasileira em todos os seus termos, de jornalista que era, tornou-se também um político atuante. Convocou uma reunião geral dos representantes de todas aquelas "Associações Populares", a realizar-se nos dias 26 e 27 de Maio de 1901, em Passo Manso, para a constituição de um "Partido Popular" (Volkspartei), com âmbito em todo o Estado e finalidades políticas em primeiro plano.

Em seu discurso, na reunião de constituição do "Partido Popular", e no qual expunha o programa e objetivos do mesmo, criticou com veemência os órgãos públicos da república que não cumpriram o que haviam pregado e prometido, pois na verdade o que existia, era uma oligarquia e apadrinhamento nos empregos públicos, mantendo-se os ocupantes destes no cargo, por fraudes eleitorais possibilitadas, lamentavelmente, pela inércia dos eleitores que nem mesmo se acomodavam a exercer o seu direito de voto nas eleições, para elegerem homens aptos, honestos e capazes para defenderem os direitos do povo, sendo condenável ainda o comodismo dos outros tantos que, tendo as condições necessárias, deixavam de se alistar como eleitor e de cumprir com suas obrigações cívicas como brasileiros.

A conservação das tradições germânicas, dizia Fouquet, competia unicamente à família, às sociedades, à igreja e escolas, em seus ambientes e suas relações internas. Na política e na vida pública, porém, os imigrantes naturalizados e seus descendentes devem agir e tomar parte com os mesmos direitos e obrigações que cabem a todos os cidadãos brasileiros, sem discriminação alguma.

Após a exposição do programa do Partido Popular e a apresentação de algumas emendas, foi o mesmo discutido e aprovado, merecendo ser o mesmo abordado aqui em seus traços gerais. Compõe-se o programa de tres partes essenciais: — fundamentos; exigências e empenhos, e organização.

Como fundamento, confessava a fidelidade à Constituição com as suas garantias à autonomia dos Estados da Federação e dos Municípios e das liberdades pessoais — As exigências consistiam em primeira linha, na abolição da dupla tributação do comércio e da indústria pelo Estado e Município; revogação do imposto municipal de exportação e trânsito de mercadorias; decretação de elevados impostos a terrenos improdutivos, para acabar com as especulações com grandes áreas de terras e obrigar o seu parcelamento no interesse da rápida colonização e povoação do município e o seu desenvolvimento econômico; ativação da agropecuária mediante construção de instalações agrícolas modelos e a importação, por conta do governo de reprodutores de ani-

